

Agricultura familiar em rede: a experiência de um empreendimento solidário no Ceará¹

Autora: Janainna Edwiges de Oliveira Pereira (UFPB)²

Co-autora: Alicia Ferreira Gonçalves (UFPB)³

Resumo: A proposta deste trabalho é apresentar a experiência de um empreendimento produtivo solidário gerido por pequenos agricultores e artesãos no município de Aracati – CE, a Bodega Nordeste Vivo e Solidário. Tal empreendimento faz parte da Rede Bodega, que agrega outros empreendimentos solidários no estado do Ceará e foi contemplado com investimentos públicos advindos do Programa de Apoio a Projetos Produtivos Solidários (PAPPS), implementado pelo Banco do Nordeste do Brasil (BNB). Sob uma perspectiva etnográfica, pretendo apreender, por meio das narrativas biográficas dos associados, as representações destes acerca do trabalho que realizam – classificado como alternativo ao modo de produção capitalista –; se e como eles veem sua forma de produção e comercialização como de fato uma outra economia. Sendo o empreendimento orientado por princípios e valores da Economia Solidária, como autogestão, cooperação, solidariedade, respeito ao meio ambiente, pretendo analisar se essa forma de trabalho, que coexiste com o modelo vigente de hierarquização e competição entre os trabalhadores, e que pretende se opor a ele, fortalece a agricultura familiar, a sua produção e, para além, contribui com a formação de um consumidor mais consciente, por meio da comercialização em feiras de economia solidária e criativa e feiras agroecológicas. Tomo como metodologia para a realização deste trabalho uma abordagem antropológica em que me pauto por uma pesquisa com procedimentos qualitativos de coleta dos dados, com entrevistas abertas, focando prioritariamente na compreensão das narrativas de vida dos associados, buscando apreender se o trabalho baseado em práticas recíprocitárias fortalece o empreendimento auxiliando em sua manutenção.

Palavras-chave: Agricultura-familiar; Economia Solidária; Reciprocidade

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGA-UFPB). [e-mail: janainnapereira@gmail.com]

³ Professora Adjunta IV no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGA-UFPB). [e-mail: aliciafg1@gmail.com]

Apresentação

O presente trabalho tem como tema a Economia Solidária e se volta ao estudo da experiência de um empreendimento produtivo solidário gerido por pequenos agricultores/as e artesãos/ãs sediado no município de Aracati, a Bodega Nordeste Vivo e Solidário, que agrega grupos do território do Vale do Jaguaribe e do Litoral Leste, no estado do Ceará. Esse empreendimento faz parte de uma rede de economia solidária, a Rede Bodega⁴, que conta com apoio da Cáritas Regional Ceará e é composta por diversos outros grupos produtivos do referido Estado.

Baseando-se na cooperação, em detrimento da competição, o modo de produção da economia solidária, de acordo com Paul Singer (2002), prima pela propriedade coletiva ou associada do capital e o direito a liberdade individual, de forma que os trabalhadores envolvidos no empreendimento são unidos numa única classe de trabalhadores, sendo possuidores de capital por igual e gerindo igualmente o negócio. Desta forma, entendida como uma economia baseada na reciprocidade (MAUSS, 1974) e coletividade, em oposição ao capitalismo e sua economia mercantil e de cunho individualista, tal modo de produção é visto por alguns estudiosos como uma outra forma de economia, que se contrapõe ao modelo vigente.

Nesse contexto, por meio das narrativas biográficas de agricultores e agricultoras da Bodega Nordeste Vivo e Solidário, pretendo apreender as representações destes acerca do trabalho que realizam, considerando se veem essa forma de produção e comercialização como de fato uma outra economia. Procuo também analisar se essa forma de trabalho fortalece a agricultura familiar⁵, a produção dos agricultores e, para além, se contribui para a formação de um consumidor mais consciente, por meio da comercialização em feiras de economia solidária e criativa e feiras agroecológicas. Desta forma, pretendo analisar as narrativas dos entrevistados a partir da perspectiva de Suely Kofes (1994), para quem as narrativas são evocações e reflexões assim como

⁴ De acordo com a Cáritas Regional Ceará o termo “‘Bodega’ nasce da resistência, de um modo de comércio balizado pela confiança, pela amizade estabelecida entre comerciante e cliente. São pequenos comércios espalhados pelo campo e periferias das cidades, onde possivelmente você encontre tudo aquilo que necessita dada a diversidade oferecida.” (Caritas Ceará, 2015).

⁵ Segundo Lamarche, a produção agrícola é sempre assegurada por explorações familiares, seja em maior ou menor grau. E essa exploração familiar “corresponde a uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família.” (1993, p.15).

também fonte de informações do contexto social em que estão inseridas, traçando suas trajetórias pessoais e junto à Bodega Nordeste Vivo e Solidário.

O ponto de partida desta pesquisa foi a minha inserção no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFC) em um projeto de pesquisa acerca da temática de microfinanças⁶. A partir de pesquisas e estudos relacionados a políticas públicas de geração de renda por parte do grupo de pesquisa, e tomando como referência a dissertação de Almeida (2012) – a qual foi produto do desenvolvimento desta pesquisa e geradora de dados, os quais utilizei na aproximação ao campo – sobre a avaliação dos impactos do Programa de Apoio a Projetos Produtivos Solidários (PAPPS) na experiência da Associação das Mulheres em Ação (AMA), que também faz parte da Rede Bodega, dei prosseguimento à pesquisa buscando aprofundar as interpretações das associadas acerca da economia solidária e do trabalho que exercem, o que gerou a produção de uma monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais⁷. Atualmente, no âmbito do mestrado, continuo a pesquisa na Rede, entretanto dou início a um novo momento, com um grupo de outro município, encontrando-se a pesquisa em estágio inicial.

Marcel Mauss, em seu *Ensaio sobre a dádiva*, descreve exemplos de reciprocidades em diversas sociedades e os analisa segundo a teoria da dádiva. O autor constrói uma teoria da troca, e esta é entendida como um contrato que se estabelece entre grupos sociais que realizam intercâmbios entre si. Contrapondo-se à lógica da economia capitalista, o autor afirma que nas sociedades primitivas existe uma economia baseada na moral, uma economia da dádiva que, apoiada no trinômio dar-receber-retribuir, ultrapassa os limites da esfera econômica, englobando as diversas instituições da sociedade (religiosas, jurídicas, morais, econômicas), assim como seus sentimentos, suas regras, sua organização. A dádiva configura-se, desta forma, como um fenômeno

⁶ Projeto de Pesquisa “Cultura, Desenvolvimento Regional e Avaliação de Políticas Públicas: Trajetória Institucional do Programa de Crédito e Geração de Renda (Crediamigo) do BNB - Banco do Nordeste”, coordenado pelo Prof. Dr. Alcides Fernando Gussi. Sob a orientação do mesmo professor, continuamos a pesquisa aprofundando na temática das microfinanças e das políticas de geração de renda e emprego, com o Projeto de Pesquisa “Políticas Públicas de Geração de Renda e Desenvolvimento: Avaliação dos Impactos do Microcrédito em Fortaleza.”

⁷ Monografia defendida em dezembro de 2014 no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC), intitulada “A experiência de um empreendimento solidário de mulheres de Fortaleza, em narrativas biográficas”, sob orientação da Profª. Dra. Lea Carvalho Rodrigues e Coorientação do Prof. Dr. Alcides Fernando Gussi.

social total, onde todas essas instituições exprimem-se ao mesmo tempo e de uma só vez (MAUSS, 1974).

Ao se realizarem trocas nas sociedades primitivas estudadas por Mauss, não eram apenas permutas de bens ou riquezas economicamente úteis que se faziam, as coisas são possuidoras de virtude, de espírito, e por não serem as coisas inertes é que se cria a obrigação entre as partes, o contrato. (Idem, 1974).

A reciprocidade busca, em primeiro lugar, a formação de laços sociais. No constante trocar, firma-se e reafirma-se o contrato, tecendo o caráter duradouro das relações. A economia da dádiva pressupõe prestações econômicas não mercantis que aliam os indivíduos e constroem um todo social. Tal aliança permite que grupos sociais, ao trocarem e se complementarem, consigam uma melhor forma de sobrevivência.

Essas práticas foram incorporadas e resignificadas pelas políticas públicas de finanças solidárias⁸, criando novas tecnologias sociais, visando o desenvolvimento local. Uma dessas tecnologias sociais são os Fundos Rotativos Solidários (FRS's), que recuperam práticas ancestrais das comunidades camponesas no Nordeste, “baseada na dimensão comunitária da reciprocidade, da dádiva e da moralidade, presentes também nos movimentos associativos.” (GUSSI, A., SANTOS FILHO, C.; ALMEIDA, G. F. B., 2012, p.78). Mediante empréstimos com prazos e reembolsos mais flexíveis – o que se adapta mais à situação socioeconômica de famílias com menos condições – é favorecido o acesso mais democrático e solidário ao crédito, o que estimula o desenvolvimento local (GUSSI, A., SANTOS FILHO, C.; ALMEIDA, G. F. B., 2012). Entretanto, para além das facilidades de crédito, o objetivo central dos Fundos está focalizado nos interesses das comunidades e em como a solidariedade existente nas relações sociais destas é um rico instrumento na geração de renda e no combate à pobreza. Assim, os FRS's utilizam como metodologia o provimento de crédito, não através de uma lógica financeira tradicional, e sim por meio de um papel “político-pedagógico que viabiliza a emancipação das comunidades beneficiárias a partir da lógica da solidariedade e nas práticas de reciprocidade” (GONÇALVES, 2009b, p.8).

⁸ De acordo com Almeida (2012), o conceito de finanças solidárias nasce a partir das finanças comuns, porém, resignificando as ações destas, cria opções que permitem o acesso da parte da população menos favorecida a recursos oriundos de operações de crédito, possibilitam novas formas de investimento e dão novas finalidades à poupança, contribuindo para que, através destes recursos, haja uma melhoria na vida dos beneficiados.

As práticas de reciprocidade e solidariedade são elementos primordiais na economia solidária, possibilitando a sua continuidade e formando e fortalecendo laços sociais que estimulam o trabalho cooperativo e, assim, colaboram na geração de renda e combate à pobreza.

Tomo como metodologia para a realização deste trabalho uma abordagem antropológica em que me pauto por uma pesquisa com procedimentos qualitativos de coleta dos dados, com entrevistas abertas, focando prioritariamente na compreensão das narrativas de vida dos agricultores e agricultoras.

Sob uma perspectiva etnográfica pretendo interpretar os sentidos e significados expressos por eles, através de relatos orais, acerca e em relação às suas vivências práticas na Bodega Nordeste Vivo e Solidário. Desta forma pretendo realizar, nos termos de Geertz (1978), uma “descrição densa”, através da qual busco interpretar os diferentes significados atribuídos publicamente pelos atores à economia solidária e ao trabalho que exercem.

Por meio das narrativas de vida, pretendo ter uma compreensão do contexto social em que eles se inserem, assim como das representações de tais sujeitos a partir das evocações feitas por estes durante as entrevistas. Para isso, traço um diálogo com Suely Kofes (1994), quando esta se refere às “estórias de vida”, considerando-as como “fontes de informação”, as quais ultrapassam o sujeito que fala e informam sobre o contexto social; como “evocação” do sujeito, transmitindo sua dimensão subjetiva e interpretativa; e como “reflexão”, que resulta da relação entre o pesquisador e o entrevistado. Ainda de acordo com os pressupostos da autora, neste trabalho me valho das “estórias de vida” entendendo-as como relatos motivados pelo pesquisador, implicando sua presença como ouvinte e interlocutor; material restrito à situação da entrevista, considerando o que foi narrado pelo entrevistado, sem a complementação de outras fontes; e como uma parcela da vida do sujeito que diz respeito ao tema da pesquisa, não sendo a intenção esgotar as várias facetas de uma biografia. (1994, p.118).

Caminho entre duas noções de trajetória. A primeira refere-se à proposta articulada por Bourdieu, que compreende esta como “uma série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes” (1996, p.81). Desta maneira, não busco interpretar as estórias de vida dos associados considerando a vida como um conjunto coerente e orientado, que se desenrola seguindo uma ordem lógica,

mas sim como algo que se desloca no espaço social e não está vinculado apenas a um sujeito, mas a sujeitos sociais. Sob outro prisma, considero também a noção de trajetória de Kofes, que entende esta como “o processo de configuração de uma experiência social singular” (2001, p.27). Assim, considero tanto os distintos posicionamentos dos atores no contexto social como as interpretações destes acerca de tais posicionamentos, construindo suas trajetórias a partir de suas próprias representações.

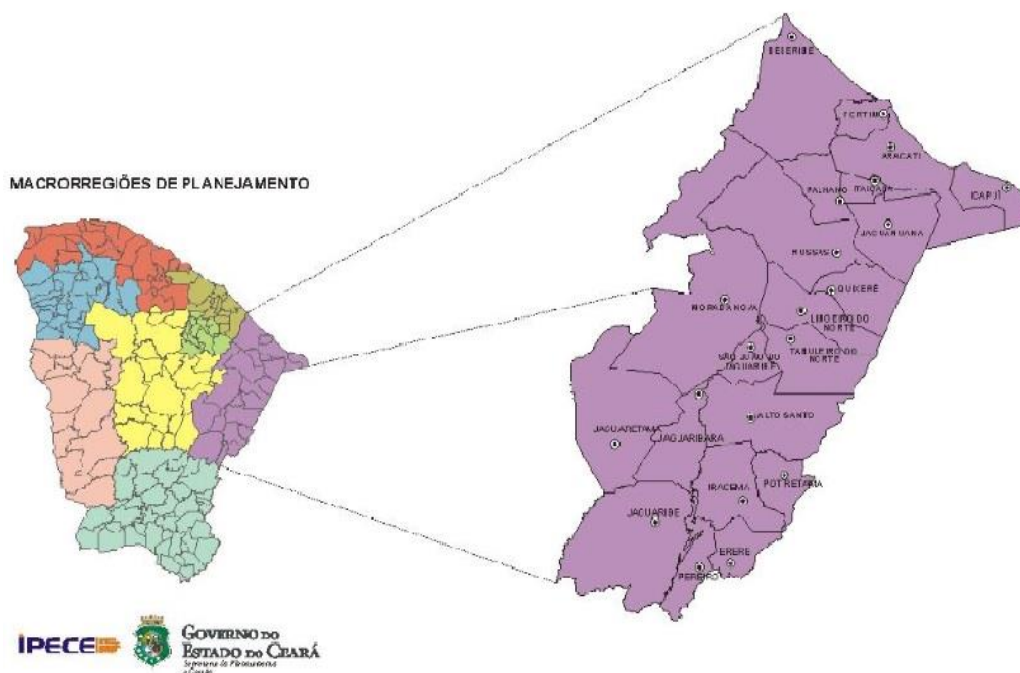
Assim, analiso as narrativas de vida dos associados buscando compreender tanto o contexto social em que estas estão inseridas como as representações de tais sujeitos e a maneira que eles constroem suas próprias trajetórias.

1. A Bodega Nordeste Vivo e Solidário e o Projeto Rede Bodega

A Bodega Nordeste Vivo e Solidário surgiu no ano de 2004 com a participação de 13 grupos, todos acompanhados pela Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte. A ideia de materializar pontos fixos de comercialização de âmbito regional nasceu a partir dos debates em torno dos desafios de escoamento da produção artesanal e da agricultura familiar ocorridos nas formações oferecidas pela Cáritas sobre Economia Popular Solidária (EPS)⁹. Com sede em Aracati, município escolhido por seu reconhecimento histórico no Ceará, seu potencial turístico e por ser onde localizava-se a maioria dos grupos, a Bodega Nordeste Vivo e Solidário hoje possui uma média de 50 grupos associados, chegando a quase 300 integrantes, distribuídos em 13 municípios, da Região do Baixo e Médio Jaguaribe e do Litoral Leste. Participam dos grupos agricultores/as e artesãos/ãs, sendo estes últimos a maioria, e contam hoje com a participação de 59 homens, sendo mulheres a parcela majoritária, sendo mais ou menos 200 associadas.

⁹ Segundo Noelle Lechat (2004), vários termos são utilizados para designar tal prática, sendo o termo Economia Solidária êmico, porém êmico para os intelectuais que criaram tal terminologia e para os agentes que assessoram os empreendimentos. É também o termo mais usado a nível internacional. A Cáritas Ceará utiliza o termo EPS, caracterizando como “uma estratégia de desenvolvimento sustentável e solidário que constrói outro modo de produzir, consumir e comercializar, considerando as relações entre as pessoas, primando pelo trabalho associativo, cooperativo de base popular.” (Cáritas Ceará, 2015)

MACRORREGIÃO DO LITORAL LESTE / JAGUARIBE



A região de atuação da Bodega Nordeste Vivo e Solidário é a que está em destaque. (Fonte: IPECE)

Os associados trabalham de acordo com os princípios da economia solidária de autogestão, gestão compartilhada, solidariedade, respeito ao meio ambiente, ao trabalhador e ao consumidor, oferecendo produtos de qualidade e a preços justos. Para coordenar tantos grupos e de diferentes localidades, chegando até a trezentos quilômetros de distância da sede em Aracati, contam com parcerias de cooperativas e associações de outros municípios para acompanhar os associados.

Concomitante a sua criação surgiu também a Budega do Povo¹⁰, sediada inicialmente em Tianguá e hoje com sede no município de Viçosa. As duas tiveram apoio da Cáritas Regional Ceará, da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte e da Pastoral Social de Tianguá, e financiamento da Catholique Relief Servisse (CRS)¹¹. Três anos depois, em 2007, com apoio da Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza, é criada a Budegama, vinculada a AMA, sediada na cidade de Fortaleza. No ano seguinte foi

¹⁰ Apesar de a grafia correta ser bodega, algumas unidades optaram por grafar o nome de suas bodegas com a letra 'u', fazendo referência à forma oral, principalmente na região Nordeste. Desta forma Budega do Povo e Budegama não são erros ortográficos.

¹¹ Organização católica francesa sem fins lucrativos que trabalha com auxílio a populações em situação de vulnerabilidade social.

criada a Bodega Arcos, na cidade de Sobral, no norte do Estado. Nesse mesmo ano, em 2008, nasce a Rede Bodega, que surgiu como um projeto que tinha como finalidade fomentar ações de produção e comercialização de diversos empreendimentos, acompanhados por meio dos Fundos Rotativos Solidários, formando uma rede que contribuísse para a consolidação das práticas de economia solidária no Ceará.

Hoje a Rede é composta por cinco unidades regionais: a Bodega Nordeste Vivo e Solidário, cuja personalidade jurídica é a Cooperativa de Produção e Comercialização Agroecológica e Solidária (Coapsol), sediada em Aracati; a Bodega do Povo, representada pela Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroecológicos e Artesão Bodega do Povo Ltda, estabelecida inicialmente em Tianguá e posteriormente transferida para Viçosa; a Budegama, bodega da Associação das Mulheres em Ação, localizada em Fortaleza; a Bodega Arcos, sediada em Sobral; e a mais nova participante, a Bodega da Vila, sediada em Maranguape, região metropolitana de Fortaleza (REDE BODEGA, 2010; Cáritas Ceará, 2015).

A Bodega Nordeste Vivo e Solidário, assim como a Bodega do Povo e a Arcos, comercializam diversos produtos vindos da agricultura familiar, artigos de confecção e artesanato. Já a Budegama confecciona roupas e produz artesanato, com foco nas bonecas de pano. A Bodega da Vila comercializa artesanato.

Os principais eixos que caracterizam a Rede Bodega, segundo Almeida, Gussi e Santos Filho (2012) são: primeiro, a Rede traz, ao se denominar Bodega, uma ressignificação das práticas comunitárias das bodegas do Nordeste, onde, em seus primórdios (e ainda em algumas localidades, atualmente), eram regidas pelos princípios da troca, do intercâmbio e da reciprocidade. Como segundo eixo estão as funções da Rede, que inclui servir de referência para a comercialização justa e solidária, organizar os processos de produção, mobilizar recursos e crédito para produção, comercialização e consumo. O terceiro eixo é a composição social do trabalho associado da rede, que agrega trabalhadores da agricultura familiar, artesãos, pequenas agroindústrias de beneficiamento de produtos alimentícios e prestação de serviços.

A gestão social do projeto é dirigida por uma comissão gestora, formada por representantes da Rede Bodega e da Cáritas, que faz o acompanhamento e monitoramento das ações. Cada unidade também possui sua comissão gestora e realizam-se reuniões periódicas – havendo rodízio em relação ao local de realização destas entre os lugares que sediam as bodegas – onde discutem diversos assuntos

referentes às bodegas e à economia solidária, como: as atividades praticadas pelos grupos, os novos acontecimentos, as dificuldades enfrentadas, os eventos que acontecerão e de quais poderão participar, o relacionamento e intercâmbio com outros grupos, entre outros. Desta maneira, ocorre a autogestão da Rede, praticada por todas as unidades igualmente.

1.2 O funcionamento da Bodega Nordeste Vivo e Solidário

A Bodega Nordeste Vivo e Solidário tem um ponto fixo de comercialização no centro da cidade de Aracati, próximo a Igreja Matriz e a outros pontos comerciais. O espaço é cedido pela paróquia local e já contam com essa parceria há dez anos, renovando o contrato a cada dois anos.

O grupo, que virou cooperativa em 2007, trabalha com a gestão compartilhada e tem um conselho administrativo que se reúne uma vez por mês para as deliberações necessárias. O conselho é composto por um presidente, um vice e três conselheiros, todos participantes da cooperativa. Anualmente eles realizam assembleias com a presença da maioria possível dos associados de todos os grupos para planejar e monitorar as atividades que devem ser realizadas durante o ano.

A loja abre de segunda a sábado de 07:30 da manhã ao meio-dia. E além da venda dos artesanatos, roupas e produtos oriundos da agricultura familiar também funciona o “Café da roça”, onde vendem comidas regionais, como a tapioca, tudo produzido pelos grupos participantes. Sobre tudo que é vendido é tirado uma taxa de 12% do valor do produto, que eles denominam taxa administrativa, para integrar o fundo de comercialização da Bodega. Duas associadas são responsáveis por cuidar da loja e das vendas. Os grupos são responsáveis por deixar os produtos na loja, o que geralmente é feito por meio dos parceiros ou aproveitam as reuniões e assembleias para entregar esses produtos.

Desde 2015 eles conseguiram firmar parceria com a Prefeitura de Aracati para vender produtos como ovo e jerimum para a merenda escolar. Entretanto, o grande período de seca tem afetado a produção de alguns produtos alimentícios.

Para além do espaço de comercialização a Bodega faz o acompanhamento dos grupos de produtores por meio de entidades parceiras, realizam capacitações e

formações de acordo com as necessidades dos associados/as. Os temas das formações variam entre economia solidária, gênero, associativismo, cooperativismo entre outros.

A Bodega trabalha com dois fundos rotativos solidários: o fundo de comercialização e o fundo de produção. O primeiro é destinado a dar um adiantamento da venda dos produtos aos associados, o segundo é destinado a compra de matéria-prima para a produção. Para ter acesso aos fundos tem que solicitar formalmente e ter a solicitação aprovada. Após isso tem que devolver a quantia para o fundo de acordo com um calendário acordado por eles.

Essa é a forma que a Bodega Nordeste Vivo e Solidário trabalha atualmente, fruto de doze anos de experiência e aprendizados.

2. Agricultura familiar na Bodega: produção e resistência

Suely Kofes (1994) afirma a importância de cruzar histórias de vida situando neste intercruzamento a importância de sua dimensão objetiva, enfatizando que tal sugestão situa-se no caso de “histórias de vida” e o que estas permitem conhecer sobre uma relação social, não descartando as diferenças entre os sujeitos desta relação. Tomando como referência as narrativas biográficas das associadas da Budegama de Fortaleza e adentrando o solo ainda pouco explorado da Bodega de Aracati e seus associados e associadas, o que não nos permite por ora fazer uma análise ampla sobre suas narrativas, e considerando tais narrativas como proposto por Kofes – como fonte de informação, como evocação e como reflexão – é possível inferir algumas informações sobre o contexto social mais amplo.

As histórias das associadas da Bodega Nordeste Vivo e Solidário nos dão alguns indícios sobre o trabalho no campo, com a agricultura familiar e acerca do trabalho sob os princípios da economia solidária¹². Por meio das evocações e reflexões das associadas, expostas em suas narrativas, podemos apreender os caminhos traçados por elas que fizeram com que se aproximassem do âmbito da economia solidária, culminando em suas associações à Bodega. Os relatos nos permitem perceber os deslocamentos desses sujeitos no espaço social, as redes de relações sociais que elas

¹² Até o momento só foram realizadas entrevistas com mulheres associadas das Bodegas.

criaram e fortaleceram, propiciando que se inserissem em um empreendimento solidário.

2.1. Entre narrativas e discursos institucionais

Dona Marta¹³ mora em uma localidade chamada Nova Esperança, no município de Aracati. O acesso a sua casa se dá por meio de uma estrada de terra batida, a alguns metros da rodovia principal que dá acesso ao município citado. Em seu terreno, além de sua casa tem uma espécie de galpão, onde são produzidos alimentos como goma de mandioca, mel, rapadura, doces. Dona Marta é associada da Bodega de Aracati como integrante do grupo “Quero Mais”.

Quando cheguei a sua casa seu esposo estava de saída, levando alguns doces na bicicleta para vender nas proximidades, de casa em casa, o que faz duas vezes por semana. Ao iniciarmos nossa conversa, acompanhadas de perto por sua neta, pedi para que me falasse de sua relação com a economia solidária, como havia conhecido essa forma de produzir e comercializar. Dona Marta contou que a primeira vez que ouviu falar em economia solidária foi na Igreja, em formações promovidas pela Cáritas na localidade em que nasceu, Gurugi, que fica vizinho da que mora hoje.

Participando de atividades dentro da Igreja desde pequena, Dona Marta conta que começou a trabalhar na economia solidária em 2001, produzindo alimentos derivados do caju, como doces, rapadura, cajuína, castanha. No início eram seis famílias que faziam parte do grupo “Quero mais”. As atividades eram realizadas em um espaço especialmente construído para essa finalidade, do lado de sua casa. Em 2004, com a criação da Bodega em Aracati eles começaram a comercializar seus produtos nela, além das feiras que já participavam e da venda na vizinhança. Porém, desde 2012, de todos do grupo, apenas ela e o marido continuam fazendo parte da Bodega. As outras famílias, conta ela, foram desistindo, buscando trabalhos fixos, que garantissem um salário no final do mês. Até seus filhos foram deixando de trabalhar na economia solidária em busca de outros trabalhos. Ela conta que, como o ganho advindo das vendas na Bodega é pouco, as pessoas acabam desistindo. Diz que na verdade as pessoas se admiraram do

¹³ O nome é fictício.

tempo que durou o grupo, de 2001 a 2012, pois é comum que tais grupos se dispersem rapidamente.

Mesmo considerando o retorno financeiro baixo, D. Marta considera que o projeto na economia solidária é exitoso, se questionando: “Por que o projeto acaba se dá certo?”. Sempre exaltando o fato de nesse trabalho todo mundo ser “patrão e empregado”, ela comenta que não se acomoda e acredita nesse tipo de trabalho, onde “trabalha todo mundo junto e todos são iguais”. Compreendendo as dificuldades de trabalhar com autogestão e de forma igualitária, D. Marta comenta que pra ela “tudo que se faz tem resultado”, observando que mesmo que demorasse pra receber um retorno financeiro, e mesmo sendo este pouco, quando recebia aquele dinheiro era dela, fruto do seu trabalho.

Quando questionada sobre as vantagens de trabalhar com os preceitos da economia solidária, D. Marta comenta como o trabalho coletivo, cooperado, trouxe esclarecimentos e aprendizados para ela, além da fonte de renda, que “demora, mas chega”. Se quando pequena sua família trabalhava em forma de mutirão na colheita da mandioca e no processamento para transformar em farinha, na economia solidária ela teve a oportunidade de continuar a trabalhar coletivamente. Antes de formar o grupo “Quero Mais”, ela e seu marido vendiam individualmente o que produziam em seus quintais e que excedia a necessidade de consumo da família. Hoje, além de vender de casa em casa, eles colocam seus produtos na loja da Bodega e vendem nas feiras de economia solidária que acontecem no estado.

D. Marta vê um aumento do consumo de produtos de hortas caseiras, e diz que na verdade a procura é grande, sendo sempre vendido tudo que se leva para as feiras, diferente dos produtos de artesanato, que saem menos. Entretanto, considerando essa uma das piores secas que já vivenciaram, muitos produtos estão faltando, como feijão, milho e jerimum. Comenta que só o que se salva é a mandioca, que é mais resistente.

Hoje D. Marta e seu esposo continuam produzindo derivados do caju. Se os que plantam em seu terreno não forem suficientes compram mais com o dinheiro do FRS's. Além disso, por meio da Bodega, estão vendendo ovos e jerimum para as

escolas, tendo que fornecer 300 ovos por mês¹⁴, o que agora gera uma renda fixa e é visto como um grande avanço.

Em vídeo institucional da Rede Bodega¹⁵ os associados e as associadas abordam a relação que se cria entre os produtores e os consumidores das Bodegas. Nas feiras há o contato direto dos agricultores e agricultoras com os consumidores de seus produtos, podendo estes conversarem e terem um momento de troca de saberes. Sob um dos princípios da economia solidária, o de não exploração do trabalho humano, os associados não vendem por meio de atravessadores, e sendo fiel a outro princípio, o de respeito ao meio ambiente e ao próximo, produzem apenas alimentos orgânicos, sem o uso de agrotóxico.

De acordo com Andréa, artesã e integrante do conselho administrativo da Bodega de Aracati, para além de espaço de comercialização, eles oferecem, por meio dos parceiros, formações e acompanhamento técnico para os produtores tanto para ensinar a produzir e comercializar os produtos como também para conscientizar a consumir da agricultura familiar, ou seja, produtos de qualidade e saudáveis, visando a segurança alimentar. Segundo Andréa eles possuem um público fiel que sempre compra os produtos agroecológicos, porém ela aborda que esse público é de pessoas com maior poder aquisitivo e maior grau de instrução, que tem maior consciência acerca dos benefícios dos produtos sem agrotóxicos. Ela ressalta que há diferença nos valores dos produtos da agricultura familiar em relação aos vendidos no mercado comum, tendo os primeiros um custo mais alto, e que por isso deve haver um trabalho de conscientização do consumidor, informando sobre os benefícios dos produtos agroecológicos.

Assim como D. Marta, Andréa compreende as dificuldades de trabalhar na Bodega Nordeste Vivo e Solidário, principalmente no que se refere a renda advinda deste trabalho. Comenta que não pode negligenciar que as pessoas precisam conseguir sobreviver por meio desse trabalho, e aponta que na última assembleia geral da Rede decidiram focar mais na comercialização, na prestação de serviços, como hospedagem

¹⁴ Quando estive em 2014 na Bodega de Aracati uma das associadas me disse que um dos objetivos deles era conseguir ter o projeto aceito para venda nas escolas, por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Em 2015 eles conseguiram vencer uma licitação para o repasse de ovos e jerimum.

¹⁵ Rede Bodega: uma outra economia é possível. Trecho do documentário *Doc. Sertão – Imagens do semiárido*, dirigido por Ivo Sousa para a Cáritas Brasileira – Regional Ceará. (<https://www.youtube.com/watch?v=-oAwEwiAV6w>)

em localidades turísticas e a produção de alimentos, principalmente para a venda para o PNAE, que tem sido uma fonte de renda mais garantida. Entretanto, Andréa enfatiza que para participar das Bodegas e da economia solidária não se pode ter o intuito apenas de vender seus produtos, tem também que participar de outras atividades, como mobilizações e articulações em prol da economia solidária e de seus princípios.

À guisa de conclusão

Observando as narrativas das associadas assim como os discursos institucionais da Rede Bodega podemos fazer algumas inferências em relação ao trabalho da agricultura familiar realizado na Rede, nos termos da economia solidária. Apesar de não ser possível ainda compreender a representação que fazem acerca do trabalho que realizam, alguns pontos são importantes para estimular o debate.

Diante das questões colocadas como norteadoras desse trabalho, mesmo compreendendo o déficit de dados devido as poucas idas ao campo, podemos perceber alguns pontos que são muito férteis para uma análise mais apurada. Com relação ao questionamento de se trabalhar de acordo com os princípios da economia solidária fortalece a agricultura familiar vimos narrativas que apontam para a possibilidade, ao participar da Bodega, de poder trabalhar mais em seus próprios quintais do que em outras propriedades, por passarem a ter a quem vender seus produtos diretamente e de forma mais garantida. Outro fator importante é a possibilidade de acesso a um fundo rotativo para comprar o material necessário para produzir sem ter que fazer empréstimos em bancos. E, mais recentemente, a possibilidade, por meio da cooperativa, de participar do PNAE, vendendo alguns produtos para a merenda escolar. Tais fatos só foram possíveis por estarem organizados participando de uma cooperativa, o que melhorou a forma de escoamento de seus produtos.

Com relação a contribuição para a formação de um consumidor mais consciente por meio da comercialização em feiras de economia solidária, percebe-se uma dificuldade em atingir um maior número de pessoas que não aquelas que tem informação e sabem dos benefícios de consumir alimentos sem agrotóxicos. Apesar das palestras e formações realizadas com os produtores, que são de suma importância por conscientizá-los com relação a segurança alimentar, há uma necessidade dessa formação

para além do grupo, para a população em geral, para que outras pessoas se interessem em consumir produtos da agricultura familiar, visando a saúde da família.

O fortalecimento de laços sociais criados por meio de um trabalho baseado na autogestão e na produção coletiva é importante para fortalecer os grupos, entretanto muitas vezes não é o suficiente para sustentá-los, principalmente quando confrontado com a possibilidade de se obter um emprego com salário fixo. Essa realidade se mostra mais latente quando nos referimos aos jovens, que tem maiores possibilidades de conseguir empregos formais do que pessoas de faixa etária mais elevada.

Para além das dificuldades de se trabalhar com os princípios da economia solidária, percebe-se que ao trabalhar nesse modo os associados tendem a não colocar a economia como a principal esfera da vida, compartilhando espaço com as esferas do social, político, ambiental. Entretanto, essa forma de lidar com o trabalho, com as finanças, com o meio ambiente e com as outras pessoas é geralmente fruto de um processo que envolve palestras e formações sobre economia solidária, cooperativismo, associativismo, emponderamento, questões de gênero, entre outros temas. Ou seja, para que haja essa horizontalidade nas relações sociais e nas esferas da vida, não havendo predominância do econômico em detrimento do político, social ou ambiental é necessário um constante debate pedagógico, que permite que a economia fique imersa nas relações sociais e não acima delas.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Gláucia Furtado Brasil de. **Avaliação dos impactos do Programa de Apoio a Projetos Produtivos Solidários (PAPPS) na experiência de economia solidária da AMA/Budeg'AMA**. 2012. 155 p. Dissertação (Mestrado em avaliação em Políticas Públicas). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

CÁRITAS CEARÁ. **Rede Bodega tecendo histórias de vida e transformação!** Edição 02. Ano 02. Ano de publicação: 2015.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GONÇALVES, Alicia Ferreira. **Experiências em economia solidária no Estado do Ceará**. Campinas, SP: Unicamp/CMU - publicações; Arte Escrita, 2009a.

_____. **Economia da dádiva e os fundos rotativos solidários. Reciprocidade e mercado em comunidades rurais no Estado da Paraíba**. Projeto de Pesquisa, CNPq, 2009b.

GUSSI, A., SANTOS FILHO, C. e ALMEIDA, G. F. B. **A experiência de fomento público a fundos rotativos solidários no Nordeste: o caso da Rede Bodega**. IPEA. Mercado de trabalho, n. 50, 2012.

KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas: Mercados de letras, 2001.

_____. **Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites**. Cadernos Pagu, n.3, p. 117 – 141, 1994.

LAMARCHE, Hugues. **A agricultura familiar: comparação internacional**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

LECHAT, Noelle Marie Paule. **Trajetórias intelectuais e o campo da economia solidária no Brasil**. 2004. 392 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Formas e razão de trocas nas sociedades arcaicas. In **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

SINGER, Paul. **Introdução a Economia Solidária**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2002.